**PRIMEIRA PEREGRINAÇÃO NACIONAL DAS CNSE**

**SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA – 30/08/2017**

Queridos sacerdotes conselheiros, orientadores e orientadoras espirituais.

Queridas irmãs e irmãos membros das Comunidades Nossa Senhora da Esperança.

Aqui estamos na casa da Mãe Aparecida, mãe de tantos nomes e títulos, e também a Mãe da Esperança. Esta mulher extraordinária pronunciou um SIM tão intenso que revolucionou a história da humanidade. Um SIM tão generoso que a transformou em mãe e através de sua maternidade nos ofereceu como presente o seu próprio filho Jesus.

Um SIM tão ousado que nenhuma outra mulher da sua época seria capaz de dar, pois o seu sim não teve medo das incompreensões que pudessem vir das leis vigentes, das pessoas de Nazaré, nem de seu próprio noivo, cujo ímpeto inicial foi abandoná-la em silêncio. Ela disse SIM ao seu Deus, e isto lhe bastava.

Realmente, quando o ser humano dá seu SIM a Deus, as coisas não conseguem mais ficar do mesmo jeito que eram. Esse SIM abre o nosso coração para receber a luz de Deus; a luz nos revela o seu amor por nós, e este amor nos compromete uns com os outros.

Para chegar até aqui cada um também disse um SIM. Esperamos que tenha sido um SIM consciente e comprometedor, como o da Virgem Santíssima.

Mas, se acaso não foi UM SIM assim tão completo, aqui está a oportunidade de nos espelharmos no exemplo da Mãe Aparecida.

Afinal, que SIM é esse que nos trouxe a Aparecida?

Antigamente, há muitos séculos, as peregrinações impunham muitos desconfortos, incômodos e até riscos do caminho. Lembram-se da parábola do bom samaritano que cuidou de um homem encontrado quase morto no caminho, que fora assaltado e maltratado por ladrões? Ele era um peregrino que se dirigia a Jerusalém. Certamente sua decisão de ir até lá era para pôr-se em contato com o sagrado, o templo de Jerusalém, centro da religiosidade do povo judeu daquela época.

Para nós, peregrinos do século XXI, talvez esses riscos sejam bem menores, o desconforto também é menor. Viajamos em carros, em ônibus ou aviões confortáveis. Hospedamo-nos em hotéis, temos cama, comida e outras facilidades. Mas o desconforto hoje tem outro nome: desinstalar-se, deixar a comodidade de nossa casa. É preciso pôr-se a caminho.

Mas quando nos decidimos a sair levamos o desejo de um encontro. Um encontro primeiramente com algo que para nós é santo, e um encontro com outras pessoas que fazem o mesmo percurso para celebrar juntos.

Assim, o ponto de partida é sempre um ato de fé e o ponto de chegada é o local onde esperamos poder atingir nosso objetivo de viagem: colocar-nos diante do sagrado que nos atraiu, seja para pedir ou simplesmente agradecer.

Significa que algo bom vai nos acontecer e que não sairemos daqui iguais de quando aqui chegamos.

Deste modo, o SIM de cada um aqui presente, não é apenas a aceitação de um convite feito pelos Coordenadores do Movimento. É preciso acreditar que este SIM teve uma razão e um sentido.

Todos nós já tivemos a experiência pessoal de saber que não há lugar melhor para nos sentirmos irmãos do que na casa da mãe. Hoje, a razão é estar junto à Mãe Aparecida. A mãe sempre acolhe a todos com igual solicitude e especial carinho. Junto dela, com certeza, fica mais fácil compreender o sentido de ser uma família.

Que oportunidade maravilhosa a de nos sentirmos parte da grande família das Comunidades Nossa Senhora da Esperança, cuja Mãe tão cheia de esperança, a própria mãe de Deus, está aqui ao nosso lado.

Quem ousou fazer das CNSE uma grande família? Poderíamos enunciar, a partir de Dona Nancy, o nome de várias outras pessoas que criaram este Movimento.

Mas muito mais do que o desejo de pessoas, acreditamos que essa foi a vontade de Deus. É o Senhor Deus que desejou nos reunir, e fazer de nós uma grande família.

Família porque é nela que vamos continuar aprendendo os valores mais fundamentais da arte de acolher, amar e servir.

Família porque somos desafiados a gratuitamente prestar ajuda mútua, aprender o sabor de servir, comprometer-nos com a construção do bem comum.

Nosso Movimento ainda é jovem. Iniciado de forma experimental em 2003, e constituído como Movimento em 10/03/2006, ainda estamos na adolescência.

Mas nestes 14 anos muita coisa boa já aconteceu e nós teremos a oportunidade de ouvir, logo mais, o testemunho de ação de graças do querido casal Cleide/Valentim, cuja presença muito nos honra e enriquece.

Após esses anos, que podemos dizer foi a fase da intuição, de conhecimento a respeito da vontade de Deus sobre um Movimento nascente, talvez estejamos chegando a uma fase nova, que poderíamos chamar de fase da consolidação das experiências até aqui vivenciadas por nossos grupos, e demais membros dos vários níveis de estrutura.

Esta peregrinação representa o nosso sair para fora do mundo pequeno e restrito de cada grupo individualizado, e o SIM mais decidido a um sentido de pertença e de unidade.

Realmente, não poderia haver progresso se cada pessoa se fechasse em torno de si mesma, ou se nossos grupos se isolassem na comodidade que construíram para si, como se desejassem apenas estar ali para se proteger das dificuldades que a vida nos reserva.

Peregrinar é também um tempo de parada, para pensar, refletir e discernir sobre o que estamos realmente buscando, e sobre o que realmente estamos fazendo para descobrir as possibilidades de paz e alegria que o Senhor Deus nos oferece.

Nós esperamos que todos estejam em paz e alegres. Mas ninguém será capaz de avaliar o quanto esta Primeira Peregrinação das CNSE nos enche de alegria.

Quando a Coordenação Nacional refletiu e tomou a decisão de realiza-la, surgiram naturalmente muitos questionamentos. Será que haverá adesão? Quantos virão? Será que vem gente só de perto? Como vamos organizar isso?

Olhando este auditório repleto desvaneceram-se todas as dúvidas e do fundo do coração, em nome da Coordenação Nacional dizemos a cada pessoa em particular, Deus lhes pague por nos proporcionarem esta alegria. Nossas previsões nunca nos levaram a imaginar que seríamos tantos, em torno de 700 pessoas. Nunca poderíamos supor que, em função da distância e dos custos de viagem, viessem pessoas de Belém no Pará, Fortaleza, Belo Horizonte, Goiânia, Criciúma, e outras cidades distantes. Vocês nos dão um testemunho de dedicação e nos deixam um exemplo cativante. Que a Virgem de Aparecida lhes recompense tão enorme esforço.

Mas, por outro lado, tenham todos, os de longe e os de perto, absoluta convicção do que lhes vamos agora afirmar: vocês estão participando de um evento histórico, estão tendo a oportunidade de experimentar que o Movimento tem um corpo e tem também uma alma. Olhem para esta multidão. Ela forma um corpo. Olhem para as pessoas ao seu lado ou a seu redor, e vejam quão bonito é o rosto das Comunidades Nossa Senhora da Esperança.

A alma é o espírito de Deus que pulsa por trás das aparências, é um impulso que lança cada um de nós a nos comprometermos com as demais, que nos ajuda a enfrentar as dificuldades da vida com a força que brota da fé em Jesus Cristo.

Nas CNSE encontramos amizade verdadeira. Na nossa vida há amigos e amigas que conhecemos por nossa conta, às vezes até por nossa iniciativa, através das oportunidades e dos relacionamentos sociais que nos acontecem. Há amigos e amigas, porém, que é o próprio Deus que nos apresenta.

Quantos aqui talvez só conhecessem o reduzido número de pessoas de seu grupo ou, no máximo, o pessoal dos grupos de sua cidade.

Mas hoje, Nossa Senhora dirige um pedido a seu Filho Jesus: apresente a eles essa enorme multidão de pessoas destinadas a se tornarem irmãos e irmãs de caminhada.

As CNSE hoje estão em festa e querem se unir aos festejos dos 300 anos da Mãe Aparecida. Não poderíamos estar fora destas festividades. É momento para celebrar, é tempo de vibrar de alegria. Com Maria vivemos nesta peregrinação a experiência de um encontro fraterno: conhecer a família das CNSE, e fazer a experiência da pertença. Somos CNSE, com as graças de Deus e as bênçãos de Nossa Senhora Aparecida, que entre muitos títulos e invocações também é a Mãe da Esperança.

É preciso que vocês também sintam no coração que a Coordenação Nacional e as demais coordenações regionais ou locais, não têm o menor propósito de serem vistas como autoridades a quem se deve obedecer.

Não é esse o espírito que haverá de prevalecer nas estruturas de trabalho. Somos apenas servidores, frágeis e temporários, cuja única paga é a satisfação de darem o melhor de si para o bem dos integrantes do Movimento.

As estruturas existem para servir, para ser suporte, para incentivar e manter a unidade, enfim fazer com que todo o Movimento das CNSE se mantenha fiel enquanto caminha e enquanto se expande para tantos lugares.

Quando se adquire o sentido de pertença torna-se muito mais simples e fácil compreender que não estamos sós, mas que estamos interligados aos demais grupos como uma só e grande família, já acima salientado. Compreender que somos complementares, que podemos nos beneficiar de todo um conjunto que é nosso, e porque é nosso nos tornamos responsáveis por seu desenvolvimento.

Cremos que se o nosso SIM for um verdadeiro SIM ao Movimento, está chegado o momento de cada membro se tornar mais comprometido quando chega o apelo para assumir a coordenação de nossos grupos. Esta aceitação ainda vem apresentando dificuldades, pois são apresentadas muitas desculpas para fugir dessa responsabilidade. Quantos NÃO têm sido dados, não é verdade? Não seria esta uma debilidade que precisamos depositar aos pés da Mãe Aparecida, para que ela transforme nosso SIM em mais generosidade ao serviço de nosso grupo e ao nosso Movimento?

Afinal, oferecer um ano para amar e servir um pouquinho mais as pessoas do seu grupo, não deveria nos assustar tanto, com tem acontecido.

Tomar consciência de pertença é um dos aspectos fundamentais para bem desenvolvermos as CNSE. Enganam-se as pessoas que pensam que o Movimento tem dono. Ninguém que está na coordenação dos trabalhos é dono de nada. Tudo é transitório. Assumimos a responsabilidade com a consciência clara de que somos passageiros na prestação do serviço. Logo virá alguém melhor do que nós para dar conta da caminhada.

Quando possuímos alguma coisa que tem importância para nós, parece evidente cuidarmos bem dela, zelarmos por ela. Assim também deve ser o sentido de pertença. O Movimento é de todos nós, e cabe a cada um dar sua parcela de compromisso para mantê-lo vivo e forte, sem nenhuma exceção.

Quantas vezes, em conversa com membros das CNSE em várias partes do Brasil, ouvimos expressões, tais como: não sabia que éramos um Movimento; não sabia que havia grupos em tal cidade; não imaginava que há pessoas de outras localidades trabalhando para nós, que se preocupam com nossas necessidades.

Vocês que estão aqui, merecem e precisam saber que hoje, após apenas pouco mais de 13 anos de existência, somos um Movimento com uma boa organização, e de nível nacional. Temos grupos das CNSE em cerca de 80 cidades, distribuídos por 16 Estados do Brasil.

Contamos com cerca de 34 Coordenações Regionais, e muitas Coordenações Locais.

Já temos um contingente de 272 grupos, com dezenas de sacerdotes que nos apoiam com sua assistência espiritual, e muitos outros orientadores e orientadoras espirituais, tais como diáconos permanentes, seminaristas cursando teologia, madres e religiosas, e também muitos leigos que dedicam seu esforço para nos acompanhar em nossa caminhada.

Temos uma revista, Voz da Esperança, atualmente em cores, que chega até a casa de vocês, e que tem por finalidade ser um veículo de informação e de formação, fazendo circular entre todos, de norte a sul do Brasil, a seiva do nosso Movimento. Essa revista é um instrumento importantíssimo para complementar esse sentido de pertença. Na medida em que lemos notícias, acontecimentos e testemunhos que vêm de muitas partes do Brasil, sentimo-nos igualmente mais motivados e mais irmanados.

O que precisamos compreender com clareza é que ser parte ativa deste Movimento é acima de tudo uma graça e um privilégio. Este é um privilégio para poucas pessoas, visto que somando as componentes dos 272 grupos, chegamos a um contingente que não passa de um número de 2.500 pessoas aproximadamente.

Na Exortação Apostólica Amoris Laetitia (A Alegria do Amor), que pelas palavras do Papa Francisco traduzem toda a reflexão do Sínodo sobre a Família, encontramos expressões que dizem muito de perto a realidade vivida pelos que fazem parte das CNSE.

No número 254, o Papa diz claramente compreender a dor de quem perdeu uma pessoa amada, um cônjuge com quem compartilhou a vida. Ele cita que a “viuvez é uma experiência particularmente difícil e pede que sejam apoiados pela comunidade cristã”.

Mas diz também que, “no luto, há momentos em que é preciso ajudar a descobrir que, embora tenhamos perdido um ente querido, existe ainda uma missão a cumprir e não nos faz bem prolongar a tristeza, como se isso fosse uma homenagem”.

Idêntico empenho a Igreja pede para as situações de pessoas que carregam o drama de uma separação ou mesmo das dificuldades próprias de quem optou por manter sua vida como solteira.

Citamos ainda um trecho do nº 242, quando o Papa Francisco assim exorta: “é indispensável um discernimento para acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. Tem-se de acolher e valorizar sobretudo a angústia daqueles que sofreram a separação, o divórcio, ou o abandono”.

...

“Ao mesmo tempo, as pessoas divorciadas que não voltaram a se casar (que muitas vezes são testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado. A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude..;”

As pessoas solteiras também canalizam seu amor a Deus servindo mais a família, a comunidade e tantos outros necessitados.

O certo é que cada uma dessas pessoas passa por cruzes e desafios que geralmente são difíceis de suportar sozinho. As CNSE querem ser uma resposta, um espaço de acolhida, querem propor um estilo comunitário de partilhar a vida, em constante entreajuda, fazendo que cada um que se encontre nessa situação sinta-se amado por Deus, e sobretudo que se sinta capaz de continuar exercendo um papel que nem a angústia, nem a dor ou o sofrimento poderão jamais lhes roubar.

Temos recebido muitos testemunhos de pessoas dos nossos grupos, e vocês os encontrarão também em seus próprios grupos, ou às vezes estampados no nosso Informativo “Voz da Esperança”, afirmando que sua pertença e participação no Movimento mudou sua vida, levou-as a recuperar a alegria de viver e o sentido de sua própria existência.

Esta é a motivação pelo qual este Movimento foi criado, este foi o sonho de Dona Nancy, este é o desejo da nossa Igreja, e tenham certeza: esta é a vontade de Deus para cada um de vocês.

Desta maneira, se o Movimento conseguisse fazer isso em favor que seja de uma única pessoa, ele já teria cumprido o seu papel, e todo o trabalho desenvolvido por Dona Nancy e pelos casais e viúvas fundadoras teria valido a pena.

É preciso tomar consciência de que é um privilégio contar com um grupo que busca o mesmo sentido para sua existência. É um privilégio contar com a ajuda de pessoas que professam a mesma fé e que, apesar de seus altos e baixos, confiam na graça de Deus para suas vidas.

É um privilégio, num mundo tão contaminado pelo individualismo, podermos fazer a experiência de termos uma comunidade no formato de uma célula da Igreja, uma pequena Igreja, que se reúne para pôr em prática aquilo que Jesus indicou como o seu novo mandamento: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

Uma comunidade como lugar de acolhida e de partilha é algo extraordinário. Mas para ser acolhida e partilha, tem também de ser o lugar da revelação de nossos limites, de tirar as nossas máscaras. Só assim a comunidade tornar-se-á pouco a pouco lugar de libertação.

Esta experiência o nosso Movimento propõe seja efetivado durante a Reunião de Grupo, especialmente no momento da coparticipação. Este momento é o coração de uma Reunião de Grupo, que pedimos que o valorizem e sobretudo pratiquem e aproveitem essa oportunidade de partilhar suas preocupações, anseios e dificuldades e, também, as superações alcançadas.

Sabem também vocês que, num grupo das CNSE, a acolhida é outra pedra de toque. Ali descobrimos que somos aceitos e amados por aquilo que somos. Não precisamos fantasiar o que não somos, nem precisamos esconder o que somos. A comunidade é lugar onde podemos ser nós mesmos.

É fundamental que nos disponhamos a dar atenção ao outro, numa forma de aliança que nos torna cúmplices de um amor fraterno, que nos compromete com o outro, que nos faz assumir a responsabilidade de ajudá-lo a superar suas barreiras e assumir sua identidade.

A comunidade nos leva a aprender a amar e esta é uma tarefa que exige um esforço para a vida inteira. Há em cada um de nós uma parte repleta de luzes, mas há também, estigmas de sombras. Não tenhamos a pretensão de ser uma comunidade modelo, ideal, próxima da perfeição. Trata-se apenas de amar, com as forças que Deus nos deu, aquelas pessoas que ele colocou perto de nós.

Já entrando na conclusão desta nossa exposição, queremos retomar um ponto sobre o qual falávamos agora há pouco. Dissemos que após estes 13 anos de existência, já tivemos a oportunidade de testar e pôr em prática as intuições que estabeleceram os parâmetros deste nosso Movimento e, tudo mostrou-se muito bom. Então, talvez estejamos entrando na fase da definição, ou em palavras muitos simples, reconhecer que a pequena semente original das CNSE está em condições de desabrochar em toda a sua beleza e irradiação. E mais que isso, cada um de nós, em cada grupo, haverá de assumir o seu protagonismo. Acredite: você é importante, você é muito importante.

Um Movimento como o nosso existe para gerar adultos na fé, ou seja, pessoas que fiquem revigoradas, que adquiram uma nova capacidade de enfrentar o real, uma nova capacidade de ser livre, enfim, viver de uma maneira diferente do que vinha acontecendo antes. Um Movimento como o nosso deverá ser capaz de transmitir a todos seus participantes uma nova capacidade de se maravilhar com o encontro com os outros.

Pensamos que para permitir esse desabrochar faz-se indispensável que fortaleça na vida do Movimento um fator fundamental: a unidade.

Há sempre o perigo de estarmos no Movimento, mas não pertencermos a ele. Estamos mas não somos. Entramos mas não aceitamos as regras. Dizemos: isto é bobagem, vamos fazer do nosso jeito. E quando menos se vê, desfiguramos a essência da própria inspiração de Deus. Tornamos humano o que deveria tender para o divino.

Se prestarmos atenção reconheceremos que todos nós temos um apego muito grande ao que chamamos de liberdade. Este é um dom tão precioso e tão inestimável, que acabamos por achar que seja uma coisa óbvia: sou livre e pronto, faço apenas o que quero. A liberdade, porém, é uma linha sutil, quase imperceptível, a designar o modo como enfrentamos as circunstâncias; a liberdade é que nos dá a capacidade de escolher a forma como queremos viver.

Optamos por ser membros das CNSE, e salvo engano, ninguém foi forçado a entrar, nem é forçado a ficar dentro deste Movimento. Nossa opção, portanto, nos leva a um compromisso de fidelidade ao que escolhemos. Somos levados a vivermos a unidade nos objetivos do Movimento, acolhendo sua pedagogia e método de caminhada.

A unidade se dá naquilo que é essencial. Não precisamos pensar igual, não precisamos nos assustar com as nossas diferenças, não precisamos nos preocupar em avaliar se alguém é mais inteligente, ou mais preparado, ou tem mais conhecimento religioso. Tudo isso são meras circunstâncias secundárias.

O que atrapalha a unidade, o crescimento do grupo e o desenvolvimento do Movimento é a incapacidade de reconhecer se estamos abertos ou fechados, se temos algo mais a aprender ou se já nos bastamos a nós próprios. No fundo estão sempre em jogo duas concepções antagônicas: a primeira é aquela do “já sei” e a pessoa permanece apenas com aquilo que já tem na cabeça, e se julga no direito de sempre querer mudar as coisas e também o Movimento. A segunda concepção é a da pobreza interior, daquelas pessoas que conscientemente se sentem necessitadas, e por isso estão abertas ao novo. As primeiras colocam sua esperança no seu próprio desempenho, as outras esperam tudo do Senhor.

Nosso Movimento, se quiser ser um sinal de esperança a tantas outras pessoas que clamam por uma oportunidade de reavivar o sentido de suas próprias existências, não pode deixar de cultivar a unidade, não pode deixar de unir as forças, não pode dispersar as potencialidades em torno de um mesmo propósito que está no nosso livro verde, intitulado Proposta do Movimento, Resumo das Orientações Gerais: que cada grupo, sob o olhar misericordioso de Deus, possa desenvolver novas maneiras de viver, e perceber, nas pequenas coisas, como todas as pessoas são especiais aos olhos do criador.

Maria, que hoje homenageamos como a Senhora da Conceição Aparecida, também nossa esperança, nos deixe aos pés deste Santuário, em que nos reunimos, a sua mensagem de evangélica pobreza. O Poderoso fez por nós maravilhas. Deu-nos um Movimento. Deu-nos irmãos de caminhada. Deu-nos homens e mulheres de Deus que nos acompanham com sua assistência espiritual, e continua nos dando a oportunidade de sermos felizes, porque Ele nos ama. Santo é o seu nome.

Alegrai-vos sempre no Senhor.

Silvia e Chico